

PAULO ALVEZ

CONTOS FRÁGEIS

PAULO ALVEZ

CONTOS FRÁGEIS

O ultimo contato de um homem decidido a dar cabo de sua própria vida é com um pedaço de papel.

Autor Desconhecido

O Viciado

A maioria das vezes em que me vejo triste com os infortúnios da vida, a culpa inicialmente é do fracasso, como se ele não fosse o reflexo do meu rosto engordurado. Aprendo o que realmente me faz um homem infiel e digo mais, fiel a infidelidade. A explicação desse fenômeno é simples, no meio onde vivo, onde trabalho e os amigos que tenho, são fatores que me tornam um amante da boemia e da libertinagem. Sou alfaiate de muito prestígio e certo dia eu tive a grande ideia de me confessar com uma caderneta, contar os podres da minha vida externa. Sendo essa mesma caderneta uma forma de ser descoberto pela minha esposa e meus filhos. É óbvio que quando tudo está na cabeça do homem, somente uma habilidade enorme conseguiria extrair informações tão secretas. Porém eu cheguei à conclusão que quero ser descoberto. A minha querida esposa e meus seis filhos não merecem um homem mentiroso, viciado nos pecados mundanos e no álcool. Por isso decidi vir à alfaiataria resolver minhas pendências com Cristo. Uma forma de me aliviar das pressões extraconjugais e deixar a infelicidade me abater. A minha querida esposa

me oferece tudo o que um homem sempre quis. Com um apoio nas horas tristes e um senso de humor refinado ela se torna o meu norte. Não sei viver sem ela, porém não vivo sem água, sem álcool e sem outras mulheres. Imagino que o problema deva ser eu, que ela estaria melhor sem a minha presença. No entanto, eu sinto que ela teme a minha saída de casa. De que forma eu poderia renegar meu amor e meu desejo em viver ao lado dela até a morte certa? Não acredito também que esteja justo ser o homem que mentiu para ela a vida toda. É um fardo muito pesado para carregar, além do mais, os meus filhos jamais iriam me perdoar por ser o causador de tanta dor e iniquidade. Meu único prazer é saber que a minha mulher me ama e me faz feliz, no entanto, a minha maior luxúria é ver o traseiro de outras mulheres encima de minha visão turva e duplicada. Aquela vontade de vomitar imensa, aquele quarto cheirando a cigarro, o cordão de ouro sendo bem afanado pela meretriz, o grito de dor fingido de uma puta. A dor vem me corroer quando durmo em casa e não sinto todo esse nojo eufórico da vida pecaminosa. Eu não aguento mais tanta culpa e não vou aguentar

tanto rancor de uma pessoa que tanto me ama e que eu tanto amo.

O Devoto

Um livro aberto de possibilidades para aquele que o lê e não apenas o admira. Estou com muitos a minha frente. Desde muito cedo fui criado dentro da doutrina Católica Apostólica Romana, criação essa que me possibilitou uma infinidade de conceitos, deveres, virtudes e principalmente dogmas. Em relação ao ultimo item, sou totalmente fiel. Posso dizer que tive uma infância abastada e muito feliz. Porém, algo me revirava o estômago, esse algo era a lógica. Qual o real poder que palavra de Deus tinha sobre a minha pessoa? Poder esse que falhava em aspectos lógicos e assim, a incoerência surgia lentamente como uma cobra a espreita de um calcanhar tremulante. Passados dez anos, já na entrada do curso de medicina, tive alguns esclarecimentos racionais sobre a origem do homem, que faz parte de um sistema que está para o todo, assim como o todo está para o homem. Uma explanação bastante razoável e racional, matando aos poucos a

minha fome de conhecimento e de compreensão do mundo. Talvez meus pais não tivessem concordado com o meu internato se soubessem a lobotomia racional que sofreria já no quarto. Em certa noite, meus companheiros de curso atravessavam a rua em frente à faculdade, onde existia um orfanato jesuíta lotado de noviças. Fui impelido a ir pela curiosidade e me deparei com uma cena grotesca e extremamente pecaminosa. As noviças corriam nuas para os braços dos jovens estudantes, que com sede de gol, como eles falavam por aqui, jogavam a noite inteira. Ao ver aquilo me pus a vomitar compulsivamente, até onde a bÍlis poderia aguentar. Foi como ver o céu, Deus e os anjos, violentamente estuprados. Voltei correndo para o beliche, trinta minutos depois eles voltaram escarnecendo a minha fraqueza e impondo que eu voltasse lá na próxima semana para bater uma bola com as noviças, como um modo de aceitação no grupo, ou eles fariam de tudo para me expulsarem do alojamento e conseguinte a faculdade. Ficar marcado na família como um fracassado não é a minha intenção, e não vejo a possibilidade de ser visto assim. Argumentei da melhor forma possível, falando que não achava algo

correto, porém não fui ouvido. Hoje se completa uma semana do ocorrido e meus carrascos se aproximam, fui fitado milhares de vezes hoje pela manhã e na hora do almoço. Eu preciso ser rápido e encontrar algo afiado. Perdoe-me Senhor por abrir um livro trágico do alto flagelo.

O Senhor da Razão

Desde o dia em que te conheci, me senti perdidamente apaixonado, enfeitiçado e ouriçado por seu corpo inteirinho. Encontramos-nos em uma seresta, me lembro como se fosse hoje, você com um vestido de cambraia branquíssimo, alvejante algum conseguiria limpar se não fosse o esforço da dona para implantar tal branco. Você sentou do meu lado como quem não queria nada, e me pediu uma cerveja. Poderia eu negar tal comando? Naquele dia eu paguei sete cervejas para ti, que de forma alguma poderia pagá-las sem uma segunda intenção. Fui subindo as mãos em suas pernas macias e delicadas, sua voz era imponente, mostrando-se uma mulher mais do que decidida me pediu para subir ao quartinho da seresta. Eu confirmo que durante a minha bebedeira não pude resistir em fazer amor com uma linda mulher de seios fartos. Joguei-me na cama,

apagou-se a luz, deitou-se sobre mim o meu desejo. De repente sinto um braço forte me segurar e me virar de costas, ainda estou na base da brincadeira. Estava bêbado e semi-inconsciente, não tive forças para reagir. Aquele ferro quente cravou em minhas entranhas, não tinha forças para pedir socorro, então uma voz rouca e grave me tocou o ouvido direito dizendo o seguinte. “Hoje você será a puta, seu velho rabugento e desprezível, eu sou seu filho travestido, que você ao menos reconheceu de tão bêbado que se encontra. Agora você vai ser estuprado por seu filho, assim como minha mãe se sente estuprada por suas traições e pelas pancadas que leva.” Não posso mais continuar a narração, só espero que ele um dia me perdoe pelo que fiz a mãe dele. Eu já o perdoei pelo que fez a mim, porém toda vez que vejo meu filho, não entendo as razões que o levaram para violentar seu próprio pai em uma cama de seresta. Fui brutalmente massacrado pelo meu próprio filho, o pouco que pude olhar nos olhos dele, via as lágrimas escorrendo no seu rosto com uma abundância enorme. Novamente peço perdão por tudo que fiz e sei que não fiz nada para merecer ter a companhia de vocês. Estou morando em um pequeno

flat, estou arruinado e o que me resta é esse pedaço de papel, onde escrevo as mágoas mais sofridas e a pancada mais seca que levei na vida. Não sei como serei recebido no mundo inferior, porém espero que seja atormentado pela eternidade. Vocês não iram falar mais de mim e nem sequer iram achar o meu corpo, me jogarei a fornalha como os bruxos foram jogados nos séculos passados. Irei ser meu próprio inquisidor, e serei rígido.

HUM

As tristes histórias que venho a transcrever fazem parte de uma pesquisa que desenvolvo sobre a necessidade do registro em papel, em um indivíduo potencialmente suicida. Lendo cartas de pessoas que provocaram a própria morte devido a motivos que foram julgados por tais, como sendo maiores do que a própria vida. A relação e a comunicação são necessárias para que o homem se sinta completo dentro de uma sociedade, caso não se sinta esse ser completo, a tendência de tal indivíduo é golpear a sociedade com a própria morte, massacres involuntários e outros tipos de atrocidades. A sociedade costuma omitir tais fatos, tão recorrentes e explícitos, devido ao escândalo que seria lidar com uma epidemia de crimes pessoais contra a humanidade. Ora se não estamos em uma era onde dar cabo da própria vida se torna tão normal quanto tomar um refrigerante gelado após a refeição. Infelizmente, apenas as famílias convivem com as máculas do apodrecimento da racionalidade humana existente em um ser que toma atitudes tão drásticas. Interessei-me por tal tema ainda no colégio, quando o meu pai, um alfaiate renomado na capital, foi encontrado enforcado na sua alfaiataria em

um dia de domingo. Quando soube o real motivo da auto-execução, fiquei transtornado e com um ódio que era totalmente antagônico ao amor sentido pelo meu querido pai. A força que busquei para reler a carta deixada para nós foi realmente com uma ponta de lança a entrar pelos córneos. Desde a maneira como eu interpretei a boemia dele, até o amor desmedido pela família, onde eu identifiquei uma dependência irrestrita ao álcool, as mulheres, e a vida noturna. Depois de analisar bem a carta deixada, notei um contentamento em se ver livre de um peso enorme, que lhe foi tirado já naquele momento ao passar suas dores, frustrações e anseios mortais para um pedaço de papel barato. Acredito que o simples fato de passar para o papel suas mágoas, foi um fator determinante para que ele viesse a tirar a própria vida.

Antes que eu pudesse existir
O papel já existia para tornar legítima
Minha vida
Minha história
Minha morte

Conclui, com a criação dessa linha de pensamento, que o papel é indispensável ao ser humano por se tratar da legitimidade do indivíduo desde seu nascimento. Daí eu consigo ver um pedaço de papel como algo extraordinário, que pode fazer sorrir, chorar, morrer ou matar. Tábua divina dos mandamentos sociais e humanísticos, obras primas e simples recados para o filho que é relapso. Cartas de amor e de suicídio se contrapõem e se misturam nesse mundo de papel. A sociedade se expressa de uma forma rude ou sofisticada ao ponto de dar margem inúmeras interpretações de um mesmo documento. O papel é a alma do homem e sem ele o homem é escravo do momento, excluindo o total poder de reflexão sobre a memória, inspiradora ou mórbida, memória. O fato de o meu pai ser lembrado pela família como o mais transgressor dos homens, foi bastante impactante e sofrido, pois somos até hoje uma família voltada para os costumes católicos. E sabemos que para o catolicismo, os suicidas tem um lugar reservado no inferno, para mim, o mundo subterrâneo de Hades, deus grego dos mortos. Portanto eu tenho a falsa impressão de que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, gigante falha minha. Aos dezenove anos,

o meu primo mais novo por parte de pai, cortou o próprio pênis e sangrou até a morte, deixando a carta que vos transcrevi nas primeiras páginas desse relato de experiência, como assim costumo dizer de tudo que escrevo. O que posso dizer sobre esse ato desesperado de alguém cuja realidade foi pretensiosamente abstraída e colocada na falsa ideia de um cristianismo puro e atuante. Ler a carta que meu primo deixou antes de morrer, me fez entender até onde a falta de informação e o excesso de formação religiosa pode chegar. A morte de um devoto como meu primo foi, me fez questionar ainda mais o papel da doutrina que não prepara para o mundo lá fora. Sinto-me também, triste por não ter passado um tempo com as noviças, que de acordo com a descrição eram bastante fogosas. O pobre pênis do meu primo não aguentou presenciar tamanho sacrilégio, aliás, ele nunca tinha sido apresentado ao sexo, nem ao beijo de uma moça. Todas as vezes que encontrei com ele, estava ocupado demais lendo a tal bíblia. Engolindo a seco a palavra dúbia e bem aventurada dos apóstolos. Eu me pergunto se deveria, no alto da minha sordidez, apresentá-lo a um mundo mais ao meu modo. Não tive muitas oportunidades, e

logo quando soube que havia sido encaminhado para a faculdade, pensei comigo mesmo que iria conhecer o mundo e a vida como ela é. Da pior maneira possível ele descobriu o quão sujo e sórdido é o planeta terra e suas convenções sociais. Quanto ressentimento eu posso identificar em frases de uma pessoa que se viu traído por tudo e por todos os amigos, familiares, freiras e padres. Hoje em dia, a minha família não costuma entrar nessas duas pautas, por puro ressentimento e medo da realidade. Não somos desde muito tempo, uma família unida e voltada para a religiosidade. Aliás, o desmembramento da total de minha família se deu no exato momento em que os mais velhos encararam que pelo menos dois de nós iríamos direto para o inferno, sem direito de reclamar. “Tirar a própria vida é uma mácula que se leva para o resto da morte.” O que eu quis dizer com isso? Enfim, estudioso que sou dos ritos de passagem para o mundo subterrâneo, vejo que nos esquecemos de por a moeda na boca do meu avô e do meu primo, para assim eles ofertarem ao barqueiro em sua travessia para o mundo de Hades. Certo dia em um jantar estranho do casamento minha irmã com um marinheiro afeminado que gosta muito de Fábio Júnior

(não conheço verdadeiro homem que goste de tal cantor, também não conheço uma mulher que não o ame). Feitiço tal, que minha maninha, a ilusão em pessoa, não ousa contrapor. Vivemos em um mundo onde não sabemos mais quem são as pessoas, que dirá sua opção sexual. Gostaria muito de poder livra-la de tal sofrimento, alerta-la antes que ele a deixe sem chão com uma revelação bombástica. Acho que ela não aguentaria a pressão e se mataria. Aliás, é impressionante como eu nunca consigo sair de minhas temáticas de pesquisa. A sociologia das emoções me encanta tanto que já consegui supor o suicídio de toda a minha família. Inclusive um suicídio coletivo de todos eles. O mais estranho é que eu me encontro no meio dessa história. Algumas vezes me propus a pensar que todos se matariam por saber que eu havia morrido de forma tão trágica. Outra vez eu me matava por saber que todos haviam entrado para a seita Novo Mundo Cristo Alien, tinham todos, inalado um gás mortal a base de amônia. Esse trabalho também mostra um pouco de minha alienação sobre o tema. A meu ver todas as pessoas tem um bom motivo para se matar, e encontram todos os dias, contramotivos para não o

fazer. Mas se o sentido da vida for o de se manter vivo, considero que existam pessoas fortíssimas nesse mundo. Matar-se não consiste apenas no ato de tirar a própria vida imediatamente, mas sim todo aquele que de alguma forma toma um declínio em sua vida. O fumante, o alcoólatra, entre outros. Pensando dessa maneira, o leque se amplia quase que infinitamente. Dessa forma nós conseguimos ver, pelo menos um suicida em potencial em cada casa desse universo. A minha pesquisa busca na química, na sociologia e na filosofia, o simples ato de se matar, consciente ou inconscientemente. Um relato íntimo e nada complicado de como o mundo moderno se mata a cada dia. Sem demagogias e filosofia barata de liberdade entre os indivíduos, o que acontece aos montes nesse mundo. A proclamação dos direitos da humanidade tornou crime a grande escolha, ferindo completamente a liberdade e a autonomia sobre o próprio corpo, mente e alma. Divagações e conclusões sem o menor princípio lógico que nomeia um contraventor, aquele que não vê perspectiva alguma de vida. Uma luta constante para controlar o homem que se entrega ao outro extremo da existência. Extremo é uma palavra muito confortável

para simbolizar o ato de encerrar a própria carreira na face da terra. De maneira alguma eu concordo com atos extremos dessa natureza, mas não concordo com a criminalização de tal ato. Porém irei combater diretamente esses pormenores ideológicos.

DOIS

Faz mais ou menos dois meses que não toco nesse manuscrito, tem acontecido tanta coisa com minha cabeça e com minha família. Claro que por esse trabalho se tratar de uma experiência de vida, eu deva contar nos mínimos detalhes o que me aconteceu nessas oito semanas. Assim que acabei a primeira etapa teórica desse trabalho, fui acometido por uma febre imensa, precisei me hospitalizar e cheguei a ter na noite mais intensa de pesadelos e alucinações graus de febre. O que vou relatar agora vos aviso de que não é muito agradável. No alto de minha febre me deparei com uma pessoa rondando meu quarto, uma música confusa com outro tipo de escala, oriental talvez. Senti logo que de alguma forma eu estava entre um conhecido, mesmo tendo a ligeira impressão de me encontrar sozinho em minha casa. Um detalhe que não contei de mim é que eu costumo me isolar na casa de praia da família para buscar “inspiração”. Assustei-me ao ouvir um barulho de corda arrastando pelo chão, encharcada e pesada como uma trouxa de roupa ainda no balde. Não

consegui ver a silhueta por primeira vez, porém logo reconheci aquelas palavras.

- Porque você está mexendo na merda heim, moleque?

- Já não basta a atitude que eu tive que tomar por conta de sua brincadeira.

- Você acha que eu merecia tanta humilhação?

A voz do meu pai ecoava inquietante no meu ouvido.

Não consegui que ele me deixasse um só minuto enquanto estava vulnerável aos ataques do além. Fui socorrido pela manhã, quando ele já tinha me deixado em paz. Espírito de porco em pessoa aquele velho. Preciso me controlar para não me culpar pela morte do velho. Estou com isso na garganta, não poderia publicar dessa maneira a minha parcela de culpa e participação na última carta denominada senhor da razão. Sim, sou eu. Uma semana antes eu soube de suas práticas noturnas, eu tinha apenas 17 anos, fui com a cara e a coragem que minha mãe me deu. Ela me disse o que eu devia fazer, mas fui satisfeito da missão que me havia incumbido. Cheguei por volta das 19:00, vestido, irreconhecível, por artificio de minha própria mãe que

transformou-me. Naquela noite havia sido solicitado umas 20 vezes e negado na espera de meu cliente mais ilustre.

Alguns minutos depois eu fui surpreendido com aquele velho rabugento, com a blusa de botão com sete carteiras de cigarro por dentro da blusa ensacada. Fui até o seu encontro, paguei uma dose de daniels batizado com aranha. Estava com sede o salafrário, filho da puta. Fomos ao quarto e quando ele estava muito louco, bati nele com um sinto, comi o rabo dele, e cuspi palavras e outras coisas em sua face nojenta e desprezível. Em nome da minha mãe e irmã, em nenhum instante ele se desculpa por ter feito o que fez com minha irmã, ela tinha apenas dois anos de idade. Ele a estuprou e disse que ela havia se machucado, eu vi tudo, mas ele disse que estava apenas trocando a fraudada dela para quando a mamãe chegasse ela estivesse limpa, eu não tenho palavras para descrever o quanto me arrependo de não ter dito nada a minha mãe até duas semanas antes do seu suicídio, enquanto ainda fazia o que fazia com minha irmã. Essas palavras não serão aceitas por par algum que pesquisa o tema filosófico. Pouco me importa que o meu trabalho não

seja aceito, porém estou cansado da impessoalidade em que a pesquisa me enfia. Eu não aguento mais trazer boas hipóteses, se me sinto tão culpado por boa parte das mazelas de minha família. Família que não teve um pai e sim um Drácula, que sugou cada plasma de nossas mentes. Não irei me ater aos pormenores de minhas culpas e frustrações, só não consigo me dissociar dessa particularidade. Sou um homem que sofre uma dor irreparável de ter uma irmã que se jogou a frente de um ônibus que a deixou vegetando até ontem. Minha mãe se encontra sedada em um hospital próximo daqui, não tenho coragem de visitá-la para dizer que poderia ter evitado todo um sofrimento. Não tenho mais forças para encarar minha mãe e precisei encarar o meu pai em um momento de vulnerabilidade.

- *Você é o responsável por toda a miséria que se abateu sobre nossa família.*

- *Você é a merda pensante que restou do nosso clube.*

- *É o único que ainda fala, anda, sorri e chora.*

Aquele velho continua falando com uma voz arrastada em minha mente.

Não sei por quanto tempo uma família pode resistir com uma só cria representável, em condições precárias, diga-se de passagem. Nunca paguei por nenhum crime que cometi como no homem que não estava lá, Ed Crane não é responsabilizado por nada do que faz, simplesmente por não ter um perfil de um criminoso. Algo semelhante acontece comigo, mesmo se eu confessar todos os meus crimes, são eles passíveis de prisão?

A publicação desse trabalho será a minha redenção, o meu enorme peso colossal que pula em minhas costas em busca de me derrubar de vez. Na mitologia grega Atlas é o Titan encarregado por Zeus para segurar o céu, mantendo assim a vida dos humanos em perfeita harmonia, porém nesse exato momento Atlas solta um bloco de céu inteiro em minhas costas, como se eu fosse um simples serviçal do antigo deus. Eu não tenho vocação e peço dispensa para soltar o caco que me resta de céu no chão, quebrando-o em milhões de pedaços. E que ele faça o mesmo com todo o mundo. Não privilegie os humanos sem que eles paguem pelos erros cometidos.

A vida é só uma, para que queremos outra? Já não sofremos o bastante?

Três

A pequena distorção que faço nesse trabalho e não fiz a menor questão de retirar é que na verdade, meu pai era um alfaiate renomado, porém a primeira carta, onde ele se pendura pelo pescoço numa tarde quente de domingo, foi obra de minha própria cabeça. Como eu gostaria que ele tivesse morrido daquela maneira, porém eu me senti tentado a anexar a terceira carta, onde eu sou ator. E para minha surpresa, li durante duas semanas o ultimo capítulo que escrevi. Cheguei à conclusão que estou em vias de enlouquecer, por conta do que ouvi e do que venho ouvindo nos dias anteriores. Estou dormindo duas horas por dia, sempre tenho pesadelos que resignificam a cena da seresta em minha memória. Estou no momento, bêbado, abatido, com uma dor imensa em meu coração e vestido com a mesma roupa daquela ocasião. Arrependido de tudo que escrevo até esse momento, os prêmios, as progressões

na carreira, as vidas que invadi e tornei objetos da minha pesquisa, aprovados por um comitê de ética, diga-se de passagem. A pesquisa nada mais é do que um vampirismo intelectual, buscando gerir e manipular o conhecimento alheio em favor da “sociedade” acadêmica. A academia nos traz a percepção aguçada dos problemas do mundo, porém os nossos problemas são mais ainda deixados de lado. Somos pesquisadores, por isso o nosso dever é abstrair um objeto e internaliza-lo de acordo com o nosso acúmulo de conhecimento. Acúmulo esse que não dilui o sentimento, a dor, a perda e o mau que acumula no ímpeto pessoal e intransferivelmente próprio. A única maneira de transferir todos esses pensamentos é para alguns simples pedacinhos de papéis. Papéis que carregaram um peso que jamais um homem conseguiu carregar, entrega-se nas mãos fibrosas do papel todo o sentimento bom ou mau que não conseguimos mais manter em nosso armazém interno. O papel é uma criação genial, essencial e insubstituível. Estou me alongando e adiando o inevitável, sugando os últimos raios de sol de uma estrela que não me deve mais nenhum de seus preciosos feixes de vida, comendo o

pão que os ratos poderiam estar roendo, usando botas que uma moça bonita e verdadeiramente feminina poderia usar e se alegrar com isso. Passei na cozinha para pegar mais uma cerveja e um brilho me chamou a atenção.

- *Vamos, pegue!!!*

Ouvi durante um minuto para entender do que se tratava essa ordem. Nesse momento estou a olhar para o que inocentemente.

- *Vamos, pegue!!!*

Não tinha noção do quanto estou atraído por esse objeto, algo ou alguém segura minha mão e com uma força sobrenatural eu quero aquele objeto atravessado em minha garganta!

- *Vamos, pegue, PEGUE!!!*

Hum, dois, três.

